

BRASIL-PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 1904

N.º 133



Dr. Hygino de Sousa

N. a 11-1-1862 — † a 27-7-1904



Política Internacional

A política exterior da Alemanha, depois da morte ou mais propriamente depois da demissão de Bismarck, entrou n'um período de nervosismo, que desafia todas as previsões e deita por terra todos os cálculos, mesmo os melhor fundamentados. Não ha meio de lhe applicar as regras da logica mais trivial, e as surpresas nem esperadas todos os dias apparecem a confirmar esta orientação, dir-se-hia assim desorientação, da politica germanica. E nem podia deixar de assim ser do momento em que Guilherme II quiz, como Luiz XIV, ser o seu proprio chanceller, e apenas manteve *pro forma* um ministro de negocios estrangeiros do imperio como simples elemento decorativo. Ora o Kaiser, não obstante o talento que o distingue e as variadas aptidões que possui, tem mostrado ser um pessimo politico e um desastrado diplomata, que pelo seu temperamento impulsivo destroe muitas vezes n'um momento o resultado do que parecia ser n'elle plano premeditado. Exemplo frisante d'esta inconsistencia de propositos foi o procedimento que elle teve em todo o decurso da guerra hispano-americana. São conhecidos os esforços empregados por Guilherme II para captar as boas graças da grande republica norte americana e para a desviar de uma alliança com a Inglaterra, tratando por todos os modos de crear embaraços á approximação mais intima das duas nações.

Pois apesar d'isso e não obstante a neutralidade proclamada da Alemanha perante o conflicto entre as duas nações amigas, pouco faltou que o almirante Driedrichs com a mais declarada parcialidade a favor dos hispano-americanos não provocasse um rompimento com a esquadra do almirante Dewar.

Quer dizer, por um nervosismo difficilmente explicavel, attentos os altos interesses que elle punha em risco, a Alemanha esteve quasi a vér-se envolvida na guerra hispano-americana, prejudicando assim (porisso que os yankees não perdoaram nunca a intempestiva intervenção) as relações de amizade com o governo de Washington, que com tanto empenho o Kaiser parecia cultivar.

Um factio identico se está dando com a actual guerra russo-japonesa. Também não presente conflicto o imperio allemão, como as demais nações europeias e americanas, proclamou a mais stricta neutralidade. Também, como em 1898, tem a Alemanha agora altos interesses a defender, convindo-lhe manter no Extremo-Oriente uma attitude correctissima, para não provocar a má vontade de nenhum dos belligerentes, sobretudo d'aquelle que pela sua situação preponderante, pôde amanhã ser um terrivel adversario para os possuidores de Kiau-Chau. Pois, sem embargo d'esta consideração de tão indiscutivel evidencia, parece que Guilherme II está disposto a repetir o erro, porventura mais aggravado ainda, da sua politica durante a guerra hispano-americana. Desde o principio da guerra actual não tem cessado, embora por fórma indirecta, de patenciar as suas sympathias pela Russia e a má vontade que o nimha contra o Japão. É tal ponto esta attitude, tão em desacordo com a proclamação da neutralidade allemã, se tem accentuado, que a imprensa de Tokio abriu uma campanha em fórma contra a Alemanha e que os proprios correspondentes, como ultimamente aconteceu com um na *Gazeta de Colonia*, confessam que a animosidade contra os allemães vai todos os dias crescendo no Japão.

Parece que estes symptomas, nada tranquillizadores para as futuras relações dos dois paizes, deviam servir de aviso a Guilherme II para não persistir n'uma politica, que mais tarde pôde acarretar á Alemanha perigosas complicações no Extremo Oriente. Pois muito pelo contrario, em vez de modificar a sua attitude para com o Japão acaba o Kaiser de a accentuar por uma fórma sem precedentes na historia diplomatica dos tempos modernos.

É o caso que tendo o regimento de Wiborg, de que Guilherme II é coronel honorario, sido mandado para o theatro da guerra, o imperador enviou-lhe um telegramma congratulando-o por elle marchar ao encontro do inimigo e orgulhando-se por elle ir ter a honra de combater pelo tsar, pela patria e pela gloria do exercito russo, fechando este telegramma com as seguintes palavras: «Os meus mais sinceros votos de triumpho acompanham o vosso regimento. Deus abençoe os seus estandartes.»

Tanto em Pekin como em Tokio causou verdadeiro espanto este acto de Guilherme II. A irritação contra a Alemanha cresce e alastra-se, insistindo a imprensa japonesa na má vontade, que o governo de Berlim por todas as fórmas patenciea contra o imperio do sol nascente.

Entre outros cita-se o seguinte factio, que é bem conhecido. acrescentam os jornaes de Tokio, tanto na China como no Japão: foi uma agencia allemã subsidiada que espalhou a noticia de um ataque malogrado a Porto-Arthur pelos japonezes e da perda de 30.000 homens do exercito do Mikado por effeito da explosão de umas minas russas. Além d'isso o boato de que a esquadra de Porto-Arthur se prepara para buscar refugio em Kiau-Chau e escapar assim á destruição, que a espera, continua a correr com insistencia, contribuindo ainda mais para irritar os animos.

De tudo isto resulta uma situação nada tranquillizadora. O ultimo acto sobretudo de Guilherme II produziu em todo o Extremo Oriente uma dolorosa impressão, pois se prevê que mais cedo ou mais tarde elle não pôde deixar de ter desagradaveis consequencias.

Que é certo é que os telegrammas do Kaiser e os discursos, de que elle é tão prodigo, são um verdadeiro pesadello para as chancellarias,

Nunca eloquencia real ou imperial occasionou tantos sobressaltos. Não esqueceu ainda o celebre telegramma a Kruger a proposito do *raid* Jameson, que esteve quasi a provocar um rompimento entre a Inglaterra e a Alemanha. O de agora ao regimento de Wiborg é quasi do mesmo genero e pôde vir a ter os mesmos effeitos.

A *Gazeta de Colonia* procura desculpar o imperador dizendo que elle não podia deixar partir para a guerra o regimento, de que é coronel honorario, sem lhe enviar uma saudação; que o telegramma imperial foi expedido em resposta ao telegramma do coronel do regimento, annunciando-lhe a partida; e que ás palavras do imperador se não deve attribuir significação alguma politica.

Em todo o caso oxalá que os japonezes accitem como boa esta desculpa. E' o que sinceramente devem desejar todos os amigos da paz.

E, que, não obstante todas as declarações tranquillizadoras, um simples incidente pôde comprometter os esforços pacificos das potencias, acaba de prova-lo o occorrido neste momento entre a Inglaterra e a Russia. É o caso que um dos navios da esquadra voluntaria russa do Mar Negro, o *Peterburg*, aprisionou no Mar Vermelho o paquete inglez *Malacca*, por suspeitas de que levava contrabando de guerra para o Japão, quando realmente o armamento e munições que tinha a bordo, segundo a declaração official do gabinete de S. James, pertenciam á Inglaterra e eram destinados á esquadra britannica do Extremo Oriente. A emoção que este aprisionamento occasionou em Londres foi enorme. A imprensa com desusada violencia protestou contra o procedimento da Russia, exigindo do governo promptas e energicas providencias para que o vapor apresado fosse sem demora restituído. O governo pela sua parte enviou uma reclamação peregrinatória, quasi um ultimatum, ao gabinete de S. Petersburgo; e instigado pela opinião unanime da imprensa e do paiz parece mesmo que chegou a transmitir ordens á esquadra do Mediterraneo para libertar pela força o navio apresado, caso a Russia não se mostrasse disposta a satisfazer o pedido feito. Felizmente esta potencia ou porque reconhece a justiça da reclamação, ou porque no momento actual não se julgasse em condições de poder resistir, cedeu á intimação da Inglaterra, e á data das ultimas noticias pôde considerar-se o conflicto como apaziguado. O *Malacca* não será apresado, e a Russia promette providenciar para que de futuro taes incidentes se não repitam. Pelo seu lado a Inglaterra, não contente com este compromisso, manda para o Mar Vermelho alguns dos seus cruzadores afim de escoltarem d'aqui por diante, enquanto dura a guerra, os navios mercantes inglezes em viagem para o Extremo Oriente. Está tudo harmonizado por agora, e assim parece; mas nem porisso deixou de ser por alguns dias a situação entre as duas nações extremamente melindrosa. Suppunhamos que a Russia não cedia. A Inglaterra recorria aos meios violentos para fazer respeitar o seu direito, e n'um momento estava ateado um incendio, que poderia converter-se em geral conflagração, não obstante todas as declarações pacificas das potencias e apesar do desejo tantas vezes manifestado de se chegar á harmonia internacional.

Apreciando imparcialmente o conflicto, parece não restar duvida de que a razão estava do lado da Inglaterra. Evidentemente o commandante *Peterburg* prestou um mau serviço ao seu paiz, obrigando-o a passar por uma desnecessaria humilhação. A declaração official do governo inglez, de que o *Malacca* transportava munições para a esquadra britannica do Extremo Oriente, é irrepudiavel e pôe em evidencia a leviandade com que procedeu o commandante do cruzador russo. Mas ainda que o *Malacca* transportasse contrabando de guerra o *Peterburg* não tinha o direito de o apresar. É pelo menos esta a opinião da imprensa ingleza e da imprensa allemã, e parece tal parecer fundamentado. Com effeito o *Peterburg* pertence á esquadra voluntaria do Mar Negro, e para passar os Dardanellos só o podia fazer, nos termos do tratado de Paris, sendo navio mercante, visto que por uma das estipulações d'este tratado os navios de guerra não podem atravessar os estreitos sem uma autorisação especial do sultão. Ora, commo é sabido, semelhante autorisação não foi dada, e portanto o dilemma que á Russia se propõe é o seguinte: ou o *Peterburg* é um navio de guerra e, tendo atravessado os Dardanellos sem autorisação prévia, commetteu uma grave infracção contra o tratado de Paris, de que o gabinete de S. Petersburgo é responsavel e pela qual terá de dar contas ás potencias signatarias d'esse instrumento diplomatico, ou o *Peterburg* é um simples navio mercante, mas n'este caso não tem o direito da visita e muito menos o de apresamento, e se exerceu indevidamente estes dois direitos commetteu um verdadeiro acto de pirataria em face do direito internacional.

Esta argumentação da imprensa ingleza e allemã parece irrepudiavel, e em má situação se encontra a Russia para lhe poder responder.



S. A. S. o Príncipe Alberto de Monaco
Cliché Benoitel, tirado à saída do Real Paço das Necessidades

As nossas gravuras

Dr. Hygino de Sousa. — Abre o presente numero da nossa Revista o ultimo retrato tirado pelo illustre clinico tão cedo fulminado por uma terrivel doença. O dr. Domingos Hygino da Ponte e Sousa tinha 42 annos e meio de idade. Filho de André da Ponte e Sousa, natural de Barrancos, cursou os seus estudos na Escola Polytechnica de Lisboa, matriculando-se na Escola Medico cirurgica de Lisboa onde terminou o seu curso brilhantemente a 22 de junho de 1890. A these defendida pelo medico versou sobre o suicidio. Dois annos esteve na Alemanha, a aperfeiçoar se como especialista em doenças dos olhos. Regressando á patria, foi em 1901 a um concurso para lente substituto da secção medica da Escola, cadeira que regia, dirigindo tambem a enfermaria que fôra de Sousa Martins e a consulta externa de ophthalmologia.

Em 1890, por occasião do *ultimatum*, fundou com outros estudantes um jornal republicano, *A Patria*, que dirigiu por algum tempo, salientando se em polemicas energicas, o seu talento de jornalista. Mas a sciencia prendia-o, e a ella dedicou toda a sua curta existên-

cia que foi das mais distinctas. A politica pouco o absorveu, felizmente para o paiz que elle honrou como homem, como professor e como medico.

O principe de Monaco. — A bordo do seu yacht *Princesse Alice* esteve em Lisboa S. A. S. o Principe Alberto de Monaco que foi recebido por S. M. El Rei com quem jantou diversas vezes a bordo do seu e do yacht real *Amélia*.

Visitou Cintra, almoçando na Pena a convite de Suas Magestades, offerceu a bordo um almoço ao sr. presidente do conselho de ministros, conselheiro Hintze Ribeiro e um jantar ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, conselheiro Wenceslau de Lima. No dia 24, de manhã, o yacht do principe de Monaco levantou ferro, em direcção aos Açores, onde S. A. vae continuar as suas observações oceanographicas que tão distinctamente lhe tem marcado um lugar á parte como homem de sciencia.

A nova bandeira de infantaria 2. — A nossa gravura representa o regimento de infantaria 2 na parada do quartel das Janelas Verdes no dia 24 de julho de 1904, por occasião do juramento da bandeira, pelos recrutas.

A sala das sessões da Camara Municipal. — E' uma das salas mais bellas do edificio municipal. Atraz da cadeira presidencial, vê-se um bello retrato de El-Rei. Nesta sala ha ainda a admirar bustos dos differentes monarchas desde D. Pedro IV, re-



Cliché Benoitel.

A nova bandeira do regimento de Infantaria 2 — Juramento de recrutas

tratos a óleo de alguns vultos importantes, e dois fogões em mármore, bella obra artistica.

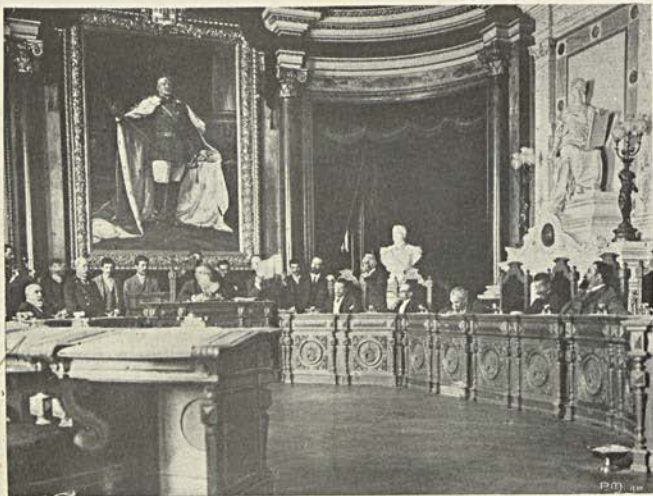
Um castanheiro. — O que hoje reproduzimos é tirado do natural, na Covilhã, a cidade industrial por excellencia e da qual no ultimo numero dêmos varias gravuras.

Guarda. — Situada nas faldas da Serra da Estrella, cercada de campos fertilissimos e muito regados de agua, esta cidade é das mais saudaveis do paiz. O clima é frio e por isso lhe chamam a cidade dos tres F, F, porque *é feia, fria e farta*. Alguns invernos tem ficado celebres na Guarda como o de 1821 em que chegaram a gelar as aguas ardentes. A Sé a que preside o illustre prelado cujo retrato honra hoje as paginas do *Brasil-Portugal* data de D. João I, é de cantaria e tem formosa architectura. Outros edificios preciosos ainda dignos de registro, como o Paço dos bispos, a casa da Misericordia, e o Seminario onde está o governo civil, como se vê de uma das nossas gravuras.

De uma das villas mais bonitas do districto, recentemente honrada com a visita pastoral do sr. arcebispo-bispo da Guarda, a villa de Pinhel, damos tambem varias gravuras.

Os nossos retratos. — Além do retrato do vice-consul no Rio de Janeiro, commendador Alvaro Thedlm, que é um compatriota illustre que goza innumeradas sympathias em todo o Brasil, damos os retratos dos drs. Henrique Midosi e do commendador José Tedeschi, ambos fallecidos n'esta quinzena. De idade avançada, cada um na esphera da sua acção, foram cidadãos emeritos. O dr. Midosi, advogado, jornalista e escriptor, era hoje o decano da advocacia portugueza, presidente honorario da associação dos advogados. Espirito extraordinario e illustrado pelo estudo e pelas viagens, caracter probo e serio deixa um nome, já por tantos titulos illustre, entre os juriconsultos do nosso tempo.

José Tedeschi foi um entusiasta campeador da liberdade. Pharmaceutico, dedicou toda a sua longa vida ao exercicio d'essa sciencia, em que muito se illustrou. Era um santo velhinho, de uma actividade prodigiosa, e de uma alegria nunca desmentida. Nasceu com a liberdade, por ella morreria se fosse preciso.



Uma sessão da Camara Municipal de Lisboa
Presidida pelo sr. Conselheiro Antonio de Azevedo Branco

Questões agricolas

As caixas Raiffeisen

Assim uma das questões praticas a discutir antes de tudo é a seguinte:

Qual das duas formas classicas de associações de credito pessoal agricola mais convém adoptar em Portugal?

As caixas rurais Raiffeisen ou as cooperativas Schulze-Delitzsch?

Vejamos muito em resumo em que differem e em que se assemelham estes dois typos classicos de associações de credito agricola para podermos preferir e recomendar a que mais servira possa vir a prestar á agricultura portugueza.

Semelhã-se as Associações Raiffeisen e Schulze-Delitzsch, porque ambas obedecem aos principios fundamentaes que fi am enunciados.

São ambas devidas á iniciativa particular dos associados, baseiam-se no mesmo seguro alicerce da responsabilidade solidaria e vivem e prosperam absolutamente livres e independentes da intervenção e auxilios do Estado.

Mas siem d'outras pequenas divergencias de detalhe differem estas duas associações nas seguintes linhas geraes:

a) — As associações Raiffeisen são associações locais baseadas na solidariedade *limitada* de todos os membros da associação.

Realisam assim no mais alto grau a condição *essencial* do credito popular agricola, porque para attrahir capitães é indispensavel, pelo menos nos primeiros tempos, offerecer-lhes uma collocação de segurança indubitavel. Esta segurança é obtida pelo vinculo da responsabilidade illimitada e por esse outro caracter de grande e

egual disseminação que permittiu a Raiffeisen ter uma succursal da sua grande obra em cada localidade ou freguezia rural.

b) — Nas Associações Raiffeisen os emprestimos são, como convem á agricultura, a *longo prazo*. É esta uma grande necessidade da pratica agricola — a longa duração dos emprestimos muito embora se estabeleçam annuidades, amortisações e outras clausulas que salvaguardem dos maiores perigos.

c) — Distinguem-se ainda as Caixas do systema Raiffeisen pela

ausencia de todo o caracter especulativo nas suas operações bancarias. Empréstamos aos socios em tempo e a prazos opporrtunos por um juro pouco superior ao que a Caixa paga.

Como não ha *dividendos* a reembolsar e as funcões administrativas são gratuitas, não ha necessidade de grandes lucros.

Por este simples paralelo já as caixas Raiffeisen se mostram superiores ás cooperativas Schulze-Delitzsch nos serviços que podem vir a prestar á nossa agricultura.

Schulze encanou a organização do credito agricola um pouco differentemente.

O prazo concedido aos devedores "deve ser em harmonia com a reprodução do capital, porque o fim do credito agricola, diz elle, é "completar o capital necessario á fundação ou á exploração de um negocio, e por consequencia "o emprestimo com um fim de *utilisado improductivo* não entra no credito."

Não obstante a verdade d'esta concepção do credito agricola, Schulze quer prazos curtos. Faz-se o emprestimo geralmente a 3 mezas. "O prazo deve ser em harmonia com as necessidades do devedor d'uma parte, e a possibilidade da existencia da caixa por outra parte. Rejeita, por consequencia, todos os prazos mais longos que os marcados pelos credores da associação.

Ora esta theoria adapta-se mais ás condições e necessidades do commerciante e do pequeno industrial das cidades, do que á natureza dos emprehimentos agricolas, para os quaes não bastam os 3 mezes nem mesmo os 6 mezes d'uma primeira reforma ou progroza de prazo.

Tambem na taxa de juro e nas garantias exigidas, como se trata do credito *personal*, que é de todos o mais caro, e para o qual Schulze exige *cauções* (*chave da aboboda do credito personal*), os serviços prestados pelas suas cooperativas de credito deixam alguma coisa a desejar nas applicações á agricultura.

Podem as associações Schulze-Delitzsch servir a grande e a média cultura. A associação cultura ainda até hoje não tirou grande partido d'esta forma de associação de credito agricola.

Efectivamente as mais espalhadas são as caixas Raiffeisen.

Por uma lista apresentada por Barbier vê-se que na provincia da Silesia (1) sómente as villas e burgos a partir de 2000 habitantes é que possuem uma cooperativa Schulze-Delitzsch. Emquanto que as caixas Raiffeisen se espalharam e penetraram bem mais a fundo na vida social da Allenanha, pois cada aldeia possui a sua.

N'esta maior expansão geographica está a prova da superior-

(1) N'esta provincia, que tem cerca de 4 milhões de habitantes, existiam em 1857 172 associações Schulze-Delitzsch.

dade das associações Raiffeisen nos serviços prestados à agricultura.

Concluiremos pois este capítulo dando uma ideia geral do modo como se funda e administra uma associação Raiffeisen, reportando o leitor para a citada obra de Barbier, e especialmente para os modelos de estatutos e contabilidade adoptados na Alemanha para o bom funcionamento d'estas caixas rurais de crédito agrícola mutuo, que podem e devem acclimar-se em Portugal, depois de convenientemente adaptadas, como se acclimaram em Italia, na Suíça, na Bélgica, na França, etc., instituições da mesma natureza e dos mesmos resultados praticos excellentes.

Como é que se fundam as caixas Raiffeisen nas modestas aldeias do Rhenos?

Muito simplismente.

Alguns homens da localidade, desejando augmentar o seu credito para poder aperfeiçoar a sua cultura e melhorar a sua situação, reúnem-se para fundar uma associação segundo o modelo e systema Raiffeisen. Começa-se em geral por muito poucos membros, mas, breve, em volta d'esta iniciativa, surgem as adhesões.

Tudo depende, no começo, de um presidente activo e devotado e de um thesoureiro consciencioso.

Por mais modestos que tenham sido os debutes todas estas associações vingam e prosperam principalmente nos paizes de pequena cultura onde mais se accentua o caracter agrícola d'estas caixas de credito.

Os corpos gerentes dos estatutos redigidos por Raiffeisen, são:

1.º — O conselho de presidencia para decidir.

2.º — O thesoureiro para executar.

3.º — O conselho de administração para fiscalisar.

Além d'estes 3 órgãos de administração da sociedade ha ainda a assembleia geral dos socios, com os poderes supremos para receber as contas, nomear os administradores, etc.

A ideia dominante dos estatutos de Raiffeisen é a prudencia, para dar ás suas caixas rurais uma segurança absoluta. As eleições são reguladas por fórma a dar á administração um caracter de estabilidade, renovando parcialmente os membros do conselho para evitar mudanças bruscas na marcha da associação.

O conselho de presidencia tem a responsabilidade inteira dos negocios da sociedade.

Raiffeisen propoz o numero minimo de 5 membros, pois convem que o conselho tenha um conhecimento tão exacto quanto possivel da situação de todos os socios e possa apreciar as garantias que elles podem offerecer ou o credito de que elles são capazes assim como o das suas cauçãoes.

O conselho nomeia d'entre si o Presidente, que é quem dirige mais especialmente os negocios. Para obrigar a sociedade, devem os documentos conter a assignatura do presidente e de dois membros do conselho, pelo menos, excepto quando se trata de depositos de caixa economica ou quitaçãoes de emprestimos reembolsados em que, para facilitar a marcha das operações, apenas se exige a assignatura dos dois membros incumbidos d'estes serviços, e que estão presentes todos os dias na sede ou na localidade onde se recebem os depositos. Para receber torna-se ainda necessario simplificar mais as formalidades. A simples assignatura do thesoureiro deve ser sufficiente.

O conselho resolve sobre a admissão de novos socios e exclusão dos que tenham incorrido em faltas assim punidas pelos estatutos.

E' ainda o conselho de presidencia que resolve sobre a concessão dos emprestimos. Cada membro do conselho possui um caderno de inscripção. Os socios dirigem os seus pedidos a qualquer dos membros.

Colhidas as informações sobre a situação de fortuna do requerente, segurança das cauçãoes, utilidade agrícola do emprestimo e legitimidade do fim a que o mesmo emprestimo se destina; o conselho delibera e decide conceder ou não conceder o emprestimo requerido.

Sobre as demais attribuições do conselho de presidencia veja se o § 14 dos estatutos modelo.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO. — A sua attribuição principal é a revisão trimestral dos creditos. Devem ser examinados um a um. Se as garantias offerecidas diminuírem por qualquer motivo avisa o presidente afim de se tomarem as providencias necessarias e exigir um reembolso exacto no caso d'essas garantias se tornarem insufficientes. O seu papel é de fiscalisação, exclusivamente.

A assembleia geral superintende em todos os órgãos de administração. Além d'outras as suas funções principais são: fixar a quantidade de capitães a emprestar; as taxas do juro e da provisão (1) o limite maximo da cifra do emprestimo a cada socio, as condições do reembolso, a remuneração do thesoureiro.

Thesoureiro conserva os livros em sua guarda, recebe os depositos e paga os levantamentos de dinheiro e faz em geral a correspondencia.

(1) A primeira vista parece que a taxa de juro não devia ser fixada pela assembleia geral, porque, sendo composta de socios na maioria precisados de levantar emprestimos, ha a recelar que esta maioria fixe uma taxa de juro muito baixa e possa assim comprometter os interesses da associação. O thesoureiro, portanto, ao apresentar ao conselho de administração, que melhor poderá comprehender a utilidade da associação e se empenha mais vivamente em a fazer prosperar.

Mas se attendermos a que o conselho de administração é em geral composto de membros mais ricos, e por consequencia mais afeiçoados ás ideias da solidariedade pelo maior quilibrio que lhes toca na responsabilidade illimitada, tambem ha a recelar que a taxa de juro fosse fixada alta de mais, o que mataria os negocios da associação. Tudo se remedia havendo um rigoroso escrupulo na acção e admissão dos socios.

pondencia. Cumpra as decisões do conselho de presidencia de que não pôde fazer parte. No fim do anno apresenta o balanço. E' o unico funcionario pago. Presta uma caução (1).

Fundada a associação e nomeados os directores como é que as caixas Raiffeisen procuram e obtêm os capitães necessarios para as suas operações?

Recolhem a duas fontes:

a) As jorras de entrada ou titulos nominativos (les parts d'affaires).

b) Os emprestimos e depositos de caixa economica.

Raiffeisen define assim estes titulos nominativos. Les parts d'affaires são a quotisação com que os membros concorrem para a for-



Covilhã — Um castanheiro

mação do capital de negocios da associação "pour toute la durée de leur titre de membre."

Durante muito tempo discutiu se os estes titulos eram necessarios nas associações de credito agrícola e se a sua introdução no mechanismo d'estas associações era possível em toda a parte. Era este um dos pontos de divergencia entre Schulze-Delitzsch e Raiffeisen.

Schulze dizia que sim, e affirmava ainda que "quanto maiores fossem estes titulos (parts d'affaires) maior seria o credito da associação, o que Raiffeisen contestava defendendo esta outra divisa "quanto mais o homem é laborioso e capaz maior será o credito..."

Raiffeisen considerava as operações bancarias apenas um meio e não um fim. O que elle pretendia era dotar a agricultura com o credito pessoal.

Schulze defendia a ideia de que em toda a associação devem existir parts d'affaires, porque elle não visava só as associações rurais, mas tambem as associações urbanas (compostas de commerciantes, funcionarios, etc.), de caracter mais commercial, e em que os socios não offerecem sempre a garantia de um capital palpavel e visível como são as terras no solo, os gados, e a alfaiá agrícola, etc.

Raiffeisen dispensava estas quotisações (parts d'affaires) porque ao pequeno cultivador, que tem sempre um capital material maior ou menor, falta quasi sempre tambem o dinheiro para estas quotisações prévias.

(1) Na maior parte das associações Raiffeisen são as funções de thesoureiro preenchidas pelos professores primarios, ou empregados das contribuições directas, regentes agricolas ou florestaes, etc.



Commendador Alvaro Thedim
Vice-consul de Portugal no Rio de Janeiro

Foi precisamente para fornecer um capital *aqueles que o não tem*, que Raiffeisen fundou as suas associações de crédito.

Compreende-se que os socios mais pobres podem tambem offerecer pela sua actividade e pelos seus habitos de trabalho todas as garantias desejaveis, embora não tenham dinheiro para *entrar* para a associação, que não pôde nem deve eliminar estes socios com a exigencia de *joias de entrada*.

Estas *joias* seriam até um obstaculo moral á creação das associações.

Mas a lei tornou-as obrigatorias, e por isso Raiffeisen viu-se obrigado a formular certos principios para attenuar os effectos d'esta exigencia, tornando o seu pagamento suave para os pobres — prohibindo que cada socio tome ou subscreva com mais de um titulo, e não concedendo *dividendos* no sentido rigoroso da palavra.

Os titulos nominativos de que temos fallado são uma fraca fonte de capitães.

As associações rurais tem de recorrer a principio aos *empréstimos* propriamente ditos e mais tarde aos *depósitos* da sua caixa economica, porque nas associações Raiffeisen o dinheiro economisado pelo cultivador tem voltado, sob a fórma de crédito, a prestar serviços á cultura e um grande numero de associações não tem tido necessidade de recorrer mais a empréstimos directos. Quando a confiança se torna absoluta todos os socios depositam na caixa as suas economias.

As associações Raiffeisen tambem admittem os empréstimos *hypothecarios*, mas a sua principal operação é o empréstimo *pe pessoal*.

N'este o reembolso é garantido:

a) pela solvabilidade pessoal do devedor;

b) pela de um ou dois fiadores.

Assim offerece-se um meio simples e seguro, porque todo o cultivador honrado encontra d'os vizinhos promptos a responder por elle.

As caixas Raiffeisen emprestam por um certo juro (5 % ó 6 o geral) e tiram uma percentagem ou provisào (meio por cento) para despezas geraes. Esta provisào é proporcional á duração do empréstimo, como realmente é mais justo que sendo *fixa*.

A grande difficuldade pratica das caixas rurais em toda a parte (e Portugal não fará excepção) é a *falta de pontualidade* dos lavradores no reembolso da caixa.

Ha nos annos de más colheitas, e principalmente nas regiões vitícolas, grandes difficuldades em pagar dentro dos prazos combinados; mas o que ha tambem, e que é preciso combater, é a *tenacidade*, o *prezumeito* do lavrador que o desvia da *exactidão*, da *pontualidade* que é a melhor e, ás vezes, a unica virtude do commerciante.

Raiffeisen estabeleceu o principio da *indivizibilidade do capital social*. Consagrou todo o ganho das suas associações á formação rapida de um capital social, pois formulou no § 35 dos seus Estatutos modo as seguintes disposições:

“O capital resta propriedade da associação. Os socios não tem nenhum quinhão n'esse capital e não podem requerer a sua divisào. Em caso de dissolução voluntaria da associação deve ser depositado no Banco Imperial ou outro estabelecimento reconhecido seguro para o deposito de fundos de menores, tomando em consideração menos a altura dos interesses do que a segurança da collocação. Os juros n'este caso ir-se-hão capitalizando até que uma nova associação se funde com os mesmos estatutos e no mesmo districto. N'este caso o capital deve ser immediatamente entregue á nova associação.”

Uma outra particularidade que apresenta a orga-

nização das caixas rurais Raiffeisen é a *desequivaldade entre os prazos concedidos pela caixa* (prazos longos que podem ir até 10 annos e os prazos dos empréstimos a que *tenha de recorrer* (que geralmente lhe são concedidos pelos capitalistas ao curto termo de 3 mezes).

Sob o ponto de vista theorico este ponto foi vantajosamente combatido por Schulze-Delitsch que, como já dissemos, rejeita todos os prazos mais longos que os marcados e concedidos pelos crédores da associação, para que n'um caso de panico a existencia da caixa não possa ficar seriamente ameaçada com uma *corrida* ou levantamento brusco e simultaneo de todo o passivo.

As eventualidades de uma *corrida* subita são, porém, de todo impossiveis ou absolutas ente improvaveis na pratica, em razão do proprio mecanismo das caixas Raiffeisen, visto que a maior parte dos capitães que empregam lhes provém ou dos proprios socios ou de capitalistas visinhos ou conhecedores da vida da associação, cuja ruina a elles proprios conviria evitar.

Estes mesmos terrores panicos ainda se podem prevenir na pratica concedendo aos crédores da caixa o direito de se fazer reembolsar no prazo de 4 semanas a partir da notificação, enquanto a caixa não tiver um capital social, seu proprio, que a ponha a coberto de *corridos*. Esta clausula, porém, seria uma imperfeição na fórma de realizar o crédito agricola que, como vimos, não pôde dispensar prazos largos e deveria ser immediatamente eliminada dos estatutos logo que a caixa tenha atingido o seu desenvolvimento e realizado um capital social bastante.

PIEDRO FERREIRA DOS SANTOS.

As violetas

O vigario da freguezia de ***, no Rio de Janeiro, acabava de almoçar regaladamente e começava a beber com toda a pausa a sua chavena de chá, quando entrou seu sobrinho o padre Lucio. O tio apontou-lhe uma cadeira perto da mesa e offereceu-lhe almoço.

Sobre a toalha adamacada, nos bonitos pratos de porcelana fina, estavam ainda uns restos de perdiz em salada, bifes, fiambre, ovos, e uma garrafa de vinho.

— Come, rapaz, dizia o gordo e vermelho vigario, come, que estás magro e amarelo de tetter medo! E' preciso justificar o que dizem do nosso appetite, homem! Olha que fama sem proveito.

Mas padre Lucio não tinha vontade, apesar de estar ainda em jejum e aceitou, unicamente para acompanhar o tio, uma chavena de chá.

— E' do preto, affirmava o dono da casa, vando do bule de *electro-plate* para a taça branca, orlada de vermelho, o perfume e quente liquido, — é do bom... A proposito, não te esqueças nunca de perguntar ás tuas penitentes nervosas a qualidade de chá de que usam. Pelo que preferem, sei logo a classe a que pertencem, e pouco mais ou menos tuas culpas teem...

O padre Lucio estremeceu ouvindo o tio falar em penitentes, e o vigario, despercebido, continuou:

O caso é mais grave do que se supõe. O chá verde origina ás vezes muitas coisas más... já o seu uso é um peccado de lesão bom gosto, que um padre de bem tem o dever de emendar... Eu por



Estrada de Santarem a Almerim

Choupal florido

minha, confesso, concluía elle sempre risonho, que penitente que me disser não poder supportar o bom, o delicioso *black tea*, não leva a minha absorção!

Lucio ouvia sem grande attenção o tio, passeando os olhos pelas paredes da sala de jantar, cheias de quadros com molduras pretas. Via n'um grupo de aves penduradas pelos pés; n'outro um S. João Baptista abraçado á cabeça feluda do cordeiro; n'outro, quatro coelhos de orelhas litas e olhos redondos espetadinhos e mal feitos; n'um outro, um S. Sebastião privado de setas, de olhar levantado e doloroso; e ao fundo n'uma oieographia sobre o comprado, a ceia do Senhor; Christo no centro, com as mãos parallelamente erguidas, os cabellos castanho-louros espalhados nos hombros em madeixas fartas e ondedas, e os labios vermelhos, como a sua túnica, entrecarrotos n'um sorriso placido.

Lucio tinha qualque perturbação na consciencia, isso era evidente, e passeava distrahadamente os seus grandes olhos azues por todos os objectos e cantos da casa, procurando um meio de desparafar o que sentia lá dentro.

Tinha tomado ordens de presbytero havia um mez apenas. Era novo, inexperiente, medroso, uma organização de mulher, a d'elle, impressionavel e temente. No dia em que dissera a sua primeira missa, ao levantar vagarosamente a hostia immaculada, as lagrimas rolaram-lhe pelas faces, e quando se voltou para os fieis, entre os quaes estavam a mãe, as irmãs, o tio, o padrinho e os amigos mais intimos, foi com tremuras na voz que balbucio o solemne — *Dominus vobiscum* — a que a mãe, lá do seu canto, embevecida e a chorar, tambem, respondeu alto: — *Et cum spiritu tuo!*

Fobre Lucio!

O ultimo golo de chá e ia levantarse, quando elle com medo de que lhe fugisse occasião propicia para uma confissão inevitavel, resolveu se a dizer tudo n'aquelle instante mesmo. Se c não fizesse, se transigisse com o infanti receio, que lhe tolhia a lingua, o tio sahiria, e elle teria de carregar o dia todo, doze longas horas ainda, a consciencia turbada por uma monstruosa nuvem negra!

Por isso estendendo a mão esguia e branca para o vigario n'um gesto de pausa, disse lhe:

— Tenha paciencia, eu preciso fallar-lhe.

O tio olhou interrogativamente para o sobrinho, recostou-se na cadeira, descansou no grande ventre arredondado a mão esquerda, enquanto que a direita remexia com a colherinha de prata o assucar depositado no fundo da chieira, estendendo indolentemente as pernas e esperando.

Lucio passou o repassou nos labios o guardanapo, tossiu, levantou se, olhou á roda, foi fechar uma porta, que dava para o interior, puxou depois para mais perto do tio, a cadeira, sentou-se, e, curvando o busto angulo e delgado, principiou:

— Entrei hoje pela primeira vez no confessorio... Ah! bem! já todos os deveres do sacerdotio se me conhecidos. Dou-te as minhas sincerissimas felicitações...

— Não me diga isso, meu tio, porque... eu não cumpri com o meu dever...

O vigario voltou-se rapidamente e os seus olhos, por effeito talvez da digestão ou do calor, amortecidos preciosamente até ahí, arregalaram-se cheios de espanto.

O sobrinho continuou:

— Entrei hoje na Lapa, ás nove horas. A igreja estava cheia de fieis; eu devia dizer a minha missa no altar de Nossa Senhora, como sempre, e ia paramentar-me com todo o socego, quando o Estacio foi pedir-me que o visse de confissão a filha de uma viscondessa. Eu não posso, dizia elle, porque fui agora mesmo chamado para ir assistir á agonia de um amigo meu, mas já lhe fallei e ella consente em confessar-se a vo. é.

Agradecei ao Estacio a distincção, e depois de ter dito a minha missa, encaminhei-me para o confessorio.

Tinha acabado de sentar-me quando a penitente se ajoelhou a meus pés. Era uma mulher moça, pallida e formosa; commovida, levantou para mim os olhos, dois olhos negros, brilhantes, onde nadavam lagrimas, e com voz clara e tremula, balbucio uma phrase queixosa do seu destino...

O vigario ouvia impassivel, de sobranceiras franzidas; Lucio curvou-se ainda mais e proseguiu:

— Tinha entre as rendas pretas, a segurar-lhe no peito a mantilha, um ramo de violetas, que me faziam mal, que me endoideciam. Eu olhava attentamente para ella, para os seus olhos lacrimosos e doces como os da Magdalena aos pés do Christo!

O vigario não gostou da comparação, abanou repenhesivamente a cabeça, e o sobrinho, sem entender o movimento, repetiu a imagem e disse mais:

— Ella com certeza julgava que eu a escutava, mas não: eu via-a, via-a só, todo embebedo n'aquelles olhos, entontecido pelas violetas! Que aroma! como pode uma creança delicada, franzina, usar flores, que fazem quasi perder os sentidos a um homem? Aquillo delectava me ao principio, dava-me vertigens por fim!

Acordei; fui chamado á realidade pela voz da penitente, que, admirada do meu silencio, perguntou-me se teria de cumprir grande penitencia e se estava absolvida...

— Corol! Senti qu' todo o sangue me subia ao rosto! Se de tudo que ella dissera eu nada, nada entendera!... Pensei um minuto e depois...

— Absolveste a?! perguntou assustado o vigario.

— Não! dei-lhe por penitencia nova confissão, amanhã, ás nove horas, na Lapa.

— Fizeste bem; era o unico recurso. E pôz-se depois o vigario a recordar theologicamente a Lucio os deveres do confessorio. Exproub a fraqueza do sobrinho, fez-lhe ver o diabo, malignamente risonho, de armadilha preparada para o enleiar, declamou, gesticulando, contra a fragilidade do padre, d'esse infeliz padre de vinte e cinco annos, debil e impressionavel, que, atterrorizado do seu grande peccado, escutava-o humilde, contrito, com as mãos cruzadas sobre a batina negra e nova, os olhos baixos, a cabeça pendida sob a sarraivada de adjectivos bombasticos e fulminadores, que, como pedradas, lhe ccham em cima.

O tio era um prégador de recursos. A sua palavra ardente fuzilava no ar: Os concelhos ribombavam como trovões pejados de electricidade. Nas grandes ceremonias, nas occasiões mais solemnes, escolhiam n'ò a elle, entre todos os prégadores. Seus grandes sermões punham angustiosos medos no coração das devotas. Elle não apontava nunca o céo como o benefici e doce consolo dos tristes e dos desgraçados. A palavra perdão raras vezes lhe sahia dos labios tumidos, e tinha na voz redobrado vigor ao pronunciar, ali, mesmo em frente á imagem do pallido Nazareno, atirando-a com um estalido de látigo sobre a multidão, a palavra — castigo!

As devotas choravam, e por isso elle descia sempre triumphante do pulpito.

N'essa manhã, como na igreja, o vigario recorreu ás atordoadoras phrases do seu vastissimo e cruel repertorio. Lucio chegou a tremer d'aquella ameaçadora colera, e sentia dobrarem-se-lhe os joelhos.

Quando a tempestade se acalmou, o tio recolheu se para melhor pensar e orar, dizendo a Lucio que o esperasse e leiasse o breviario, que lhe entregou. Uma hora depois voltava o vigario á saia e dizia ao sobrinho:

— Foi grave a tua culpa; deve ser grande, para ser purificado, ra, a tua penitencia.

Amanhã, ás oito horas, vasa á igreja do Castello e confessa-te lá; depois diste por mim, a missa das dez em S. Francisco; eu irei em teu logar ouvir de confissão a filha da viscondessa.

Lucio curvou-se submisso e prometeu cumprir o que lhe dictava o tio.



O ultimo retrato de Gungunhana

Reynaldo Frederico Gungunhana
Antonio da Silva Pratas Godde

Roberto Frederico Xixaxa Molingo

Toda essa noite passou-a elle em claro, illuminado pelo fulgor de uns olhos negros, os olhos da penitente, que lhe não sahiam da memoria! Maldição! exclamava, revolvendo se no leito, e imaginando vêr, através do brilho lacrimoso d'essas pupilas scintillantes, o diabo, tal qual o pintára o vigário, a rir malignamente, preparando-lhe uma armadilha traiçoera.

Ancioso de expiar a sua culpa, levantou-se cedo, rezou, leu muito, e ás oito horas galgava a largos passos a ladeira do Castello, onde iria de novo lavar a sua alma enodoada e triste...

O vigário cumpriu a promessa. Enquanto o sobrinho se penitenciava lá em cima, ouvia elle os peccadinhos da filha da viscondessa. Curvado para ella sem deixar do ouvido, com a experiencia de velho confessor, observava-lhe a belleza fresca e meiga, e o ramo de violetas, umas infelizes violetas de panno sem odor, flores artificiaes, bem acabadas, trabalho caro e caprichoso, com a mesma côr, a mesma fórma, mas não o mesmo encanto das naturaes, e com que ella segurava, como na vespera, as rendas da mantilha...

Vendo as, dizia consigo o vigário:

— O aroma das violetas foi o brilho d'estes olhos negros e a mocidade de Lucio e, elevando no ar a mão assetinada e branca, fez, sobre a cabeça curvada da bella penitente, a cruz clemente da absolvição.

JULIA LOPES.

Ella

Ella era linda, como o ceu 'strellado
E' tambem lindo em noites de luar.
Era mais bella do que o sol doirado
Quando se vae para esconder no mar.

Era mais simples do que um veio d'agua
Quando da terra nasce e vem cantando,
É que depois murmura a sua magua
Por entre as rochas em que vae passando.

Tinha o cabello negro e tão ondeado
Que a noite e o luar enchiam-se de zelos:
A noite, ao ver-lhe o negro carregado,
O mar por ver-lhe as ondas dos cabellos.

Aquelles olhos, feitos só de pranto,
Eram tão negros que não tinham par.
Os meus, coitados, ao fitar-os tanto
Fugiam sempre para não cegar.

Aquelles labios, como que orvalhados,
Eram coraes a circundar-lhe a bocca.
E os dentes brancos, tão perolizados,
Eram pra mim d'uma belleza louca!

Cantando ella fazia-me chorar,
Pois tinha uma voz d'anjo ou cherubim.
Que eu nunca ouvi os anjos a cantar!...
Mas com certeza deve ser assim!...

Hoje é um corpo inchado como um ôdre,
Cheio de vermes da cabeça aos pés,
E que lá jaz na terra humida e pôdre!...
Ah, mundo d'illusões! o que tu és!...

ALVARO BOSSA.

Monumento a Pinheiro Chagas

O *Brasil-Portugal* associa-se com enthusiasmo á ideia da *Mala da Europa*, que, nas suas columnas, abriu uma subscrição publica, no Brasil e em Portugal, para com o seu producto se erigir um monumento ao illustre escriptor Pinheiro Chagas.

A Empreza d'esta Revista appella para todos os portuguezes no Brasil, e para todos os brasileiros admiradores do glorioso homem de letras, que desejem concorrer para esta justissima consagração.

Quaesquer quantias podem ser entregues aos correspondentes e agentes do *Brasil-Portugal*, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, acompanhadas de uma nota que mencione nomes e residencias para serem publicados opportunamente.

Fica aberta a subscrição.

Brasil-Portugal..... 20\$000 réis

(Todas as quantias enviadas pelos nossos correspondentes serão entregues á redacção da «Mala da Europa.»)



A lavoura



Paulo Kruger

Ex-presidente do Transvaal

Fallecido em Clarens a 14-7-904, depois de uns annos de emigração.

Foi a figura principal da Africa do Sul

e, na lucta heroica travada com a Inglaterra, um dos seus cultos historicos

Os retratos de familia

Faz para as vindimas dez annos, que eu ouvi ao tio Joaquim esta historia.

Havia pouco que sahira da quinta, onde eu estava, o sr. Antonio Tavares, que passava por um dos fazendeiros mais ricos dos arredores.

Amanhava para cima de sessenta geiras de terra; e só de uva mandava perto de quinhentas caixas para embarque.

Era franco, alegre e homem de boas petas; tinha pilhas de graça e parecia vender saude; enquanto a modos e linguagem, sabia o nome aos bois, e quando falava de lavoura podia-se ouvir, discorria como um livro aberto.

Todos gostavam d'elle, por não ser de contos, nem de arcaes encorcladas; só cuidava da sua vida, andando liso no negocio como poucos. Ninguém lhe accoitava signal, porque em dando a sua palavra era como se apresentasse o di-nheiro contado na palma da mão. Não constava que fallasse, nem se dava fé, de quem tirasse duvida em fiar d'elle fosse o que fosse.

Tinha vindo a comprar uns trigos, assistira ao carregar dos carros e sahira depois do trabalho acabado, n'uma faca de cinco annos, esperta como um azougue e preta como um zevinhe. Rira muito, contára muitas coisas, e fizera bom negocio; porque lhe tinham dado o pão em conta por ser a venda redonda.

O tio Joaquim, que não era dos mais faladores, nem dos que se abria muito com os extranhos, conversara com o sr. Antonio Tavares, como quem de ha muito o conhecia; apertara-lhe a mão na despedida com ares affectuosos, e seguira-o com a vista até desaparecer na volta da alameda, fazendo feitos com o pau na terra do pateo, e resmungando entre dentes palavras que não entendi.

Esta excepção nos habitos do velho

agou-me a curiosidade, e perguntei-lhe se conhecia de ha muito o homem que ali sahira.

— Se conheço!... — respondeu-me inclinando a cabeça de alto a baixo, compassadamente, duas ou tres vezes.

Havia tantas coisas n'aquella reticencia do tio Joaquim, que não pude resistir, e instei com elle para que me contasse a historia Tavares.

Tanto fiz, tanto fiz, que sentou-se ao meu lado n'um poial de tijolo, carregou um cachimbo de madeira, enfeitado com virolas de latão, como os que uzam os campinos do Ribatejo, petiscou, accendeu-o e começou.

Mais palavra menos palavra, disse o seguinte:

— Vae tanta differença d'este Antonio ao de outros tempos, como vae da noite ao dia, e tanto que se eu não presenciava esta mudança, não podia acreditar a ainda que m'a contassem.

Lá em baixo, ao pé do Joaquim Boleta, no recanto da azinhaga, morou por muito tempo o pae em companhia da mulher que veio a morrer de parto, quando este Antonio nasceu. Alli esteve, até que por causa da guerra com os francezes chamaram de baixas antigas e elle, como tinha sido soldado n'outros tempos, teve de partir deixando o rapaz entregue a uma visinha, boa mulher na verdade e que promettera tomar conta d'elle. Mas é mais facil ter um pouco d'azougue quieto em cima d'uma pedra, do que conseguir que o rapaz não fizesse por ahí obras de cabeça.

Não detava Deus Nosso Senhor um dia a este mundo, em que se não dissesse: lá apanhou o Antonio enfeitado, fassim é que lhe chamava), uma escamocadella na cabeça, lá o alejaram n'uma brincadeira, lá lhe deram uma coisa quando andava aos fijos.

Era um rosario de coisas, que até fazia admiração como elle resistia, mas se o carrasco e o zambujeiro crescem, medram, e enrijam ao desamparo por esses vallados, e não ha madeira como a d'elles para aguentar dura; não admira tambem que o rapaz enrijasse assim ao Deus dará e se fizesse um mocetto de mão cheia, esperto e guapo que era um regalo vê-o.

Emquanto a velha Theresia foi viva ainda elle trabalhava alguma coisa para a sustentar, não muito, que lá no seu dizer, o trabalho era para os cães e não para almas christas; mas apenas a velha fechou o olho, adeus minha vida, foi um vadear, que não é para dizer.

N'este comenos tinha um soldado, que viera da campanha, passado pela terra, e entregára ao Antonio umas lembranças do pae,



Recepção de S. M. a Rainha Guillermina, da Hollanda ao Ex-Presidente Kruger, na Haya em dezembro de 1900

morto n'um ataque contra os francezes, recommendando-lhe o filho á hora da morte.

Minguada herança, que ella era. A farda do soldado, uma duzia de peças, se tanto, e o retrato do pae, que um seu companheiro tinha feito n'uma hora de vagar. Muito parecido, por tal signal; era elle por uma pena, só lhe faltava o falar.

Antonio chorou deviras, pouco se lembrava de seu pae; mas custou-lhe muito aquelle len-e. E n'essa occasião mesmo deu mostras de boa alma que tinha, e que depois deixou vér melhor lá para o diante, quando mudou de vida. Apesar de facto de dinheiro, não gastou comsigo um real da herança, que recebera :

Uma vez, vim a sabel-o ao depois, tinha-se-lhe acabado todo o dinheiro e não havia que fazer; o jantar havia de vir; mas d'onde, é que elle ainda o não sabia. Antonio foi procurar um ferro velho do logar e propoz-lhe a venda da enxerga: era o resto dos trastes, que tinha, e estava tão velha e tão suja, que nem uma de doze valia.

O ferro velho entrou, e mal deu com os olhos nas duas reliquias do pobre rapaz offereceu-se para lh'as comprar; mas inda bem o não tinha dito, já estava arrependido de o dizer, porque Antonio punha-o immediatamente no meio da rua com promessa de lhe fazer os ossos n'um feixe, se tivesse outra vez semelhante lembrança.



Kruger á porta de sua casa em Pretoria quando Presidente do Transwaal, e sua esposa

uma parte empregou-a em mandar fazer um caixilho muito bonito para o retrato de seu pae, e o resto deu o de esmolas aos pobres, pedindo-lhes que rezassem por alma do finado. Andou uns dias, que não parecia que rezassem por alma do finado. Depois tornou á antiga ou ainda a peor, se era possível.

Quando tinha algum vintem de seu não paravam as patuscadas, as festas, e os divertimentos; depois trabalhava pouco e de má vontade até arranjar dinheiro, e, mal o conseguia, el-o que voltava á boa vida.

Mas, manda a verdade que se diga, esteve por vezes doente no hospital, viu-se em talas quando por ahí faltou o trabalho, vendeu, empenhou tudo, só não tocou, em occasião nenhuma, nem na fardeta, nem no retrato, que conservava á cabeceira da rebecka, onde dormia, como se fossem imagens do Senhor dos Passos ou orações do Justo Juiz.

Assim passou algum tempo com a barriga ora em lua cheia ora em quarto minguante, até que uma gente que para aqui veio lhe fez mudar de modo de viver.

Um velho tinha arrendado a quinta dos Fuzis, para onde viera residir em companhia de sua filha.

Elle anda pelos seus cincoenta annos: parecia homem de bem; mas casca grossa e pouco de graças; ella, mais bonita que uma imagem e mais bem posta que uma fidalga.

Quando iam ao domingo á missa ou de tarde a espaiarecer por essas azinhagas, o velho, de cabeça branca, corpo um tanto curvado, bigodes grandes, sobranceiras espessas, parecer carregado e faces enrugadas; ella alta, esbelta, de olhos pretos e vivos, cabello castanho, faces côradas, feições alegres e cara de riso para todos, pareciam a noite e a madrugada, ou o inverno e a primavera que se combinassem para melhor parecer unidos um á outros.

Os rapazes todos derretiam-se para ella, mas o pae, que não tinha cara de muitos amigos, impunha-lhes respeito e conservava-os de largo; e d'ahi ella assim mesmo muito alegre, mas toda senho-



Arcebispo-Bispo da Guarda
Que visitou recentemente a villa de Pinhel

ra, dava tambem a entender que não estava resolvida a aceitar a corte a qualquer badameco.

Antonio viu-a um dia e ficou perdido de cabeça; desde essa occasião começou vida nova; e o rapaz extravagante e vadio começou a ser homem.

Era tempo, tinha quasi vinte e cinco annos.

Mas a vida que se seguiu foi tão differente da antiga, que não parecia o mesmo.

Os dias passava-os a trabalhar, as noites a aprender a ler, porque o mestre do logar lh'o ensinava a troco dos domingos, em que trabalhava no quintal, e as horas de sesta ou de jantar passeando pela frente da casa da menina Maria, que o enfeiticára: mas para bem, que são os melhores feitiços.

E o caso é que o maganão do Antonio tinha bom gosto, porque mocetona mais perfeita não a havia n'estas tres leguas ao derredor. Ia se desenvolvendo e medrando que era um louvar a Deus, e não seria por sua parte que pudesse resultar má fama aos ares do logar.

Bonita já ella o era, mas enfezada e doentinha por amor d'aquelle mau respirar que as ciências fazem; apenas porém desatou por ahi a passear e a espiarecer, entrou a córar, que nem uma pera de Santo Antonio, e a encorpar que nem uma maçã bemposta.

Se ella reparava no rapaz, nem o sei eu, nem ha quem o jure, porque isto de mulheres, nem o demo as entende; mas que o não visse com maus olhos é de crer, porque o Antonio não tinha nada que se deitasse fóra e era um rapaz perfeito a mais não poder ser.

Cá por a terra não se falava n'outra coisa e não havia tenda nem barbeiro, onde se não desse á taramella a tal respeito. Tudo em bem, que em mal não havia razão, nem atrevimento para tanto, porque com o Antonio ninguem brincava, e todos se pelavam de medo de um certo marmelleiro ferrado, que elle trazia e que não era palito para dentes, nem vime de passar creanças.

Um dia, que acabava de fazer a barba, dois maltezes que estavam no barbeiro e que o não conheciam, entraram com pé de conversa a respeito do tal namoró e deram a entender, lá por meias palavras, que o Antonio se fazia com terra de cassar com a menina Maria.

O sr. Alves, assim se chamava o pae, não quiz ouvir mais nada;

atirou com uma de tres para cima da mesa do barbeiro, e foi-se com um raio a casa do Antonio.

Bons tonções não tinha elle. Ia fumando, e vermelho e com pimentão, acudia um camoleto que levava, que mais parecia um bastão de tambor-mór, do que uma vara de encosto. Se encontrasse o rapaz no meio do caminho, atirava se a elle, e não o deixava enquanto lhe encontrasse osso inteiro.

Era um sabbado e quasi ao sol posto; o quarto estava escuro e Antonio, que voltára mais cedo do trabalho, tinha se atirado para cima da cama, farto de lidar e sem poder comigo.

Apenas por uma claraboia, que havia no telhado, entrava alguma luz, e essa ia bater do chpa no retrato, que estava á cabeceira; parecia pessoa viva, e até mettia respeito olhar para elle.

E' de crer que o sr. José Alves se não demorasse a bater á porta, atirou lhe um encontrão e deitou-a dentro ás primeiras razões.

Antonio ia agarrar no pae, que tinha ao pé de si, e saltar na visita, quando conheceu o pae de Maria e ficou varado; este ia para falar, quando lhe com os olhos no retrato e pasmou. As lagrimas saltaram-lhe dos olhos, e, sem mais satisfações, perguntou a Antonio, apontando-lhe para o painel:

— De quem é aquelle retrato?

— De meu pae — respondeu o rapaz.

— De Antonio, do meu velho amigo! — e em vez de se atirar á paulada ao namorado da filha, atirou-se a abraça-lo que parecia querer metter-lhe as costellas dentro.

O que causara aquella mudança, já o senhor adivinha o que foi — continuou o tio Joaquim concludo a sua narração — o sr. José Alves era o tal camarada de Antonio, que trouxera o retrato, quando o rapaz ainda era um fedelho, e a quem o pae e recommendára á hora da morte. Tinha continuado a servir depois que passara pela terra a cumprir o testamento do moribundo: e de batalha, em batalha, esquecera se do companheiro, do filho, e da promessa.

Antonio foi para casa do velho, entrou a administrar-lhe o que elle tinha e augmental o com o trabalho e a boa vontade; o casamento, que já era do gosto do sr. José Alves e a que a rapariga não dizia que não, fez se d'alli a pouco... e lá tem vivido como Deus com os anjos até que o velho morreu, deixando a filha e o genro de posse da fortuna que o senhor sabe.

No dia seguinte áquelle em que o tio Joaquim me contára esta historia, fui aos *Fuzis* procurar o sr. Antonio Tavares e receber o dinheiro dos trigos.

Havia muito que não entrava em quinta tão bem cultivada, nem via em fazenda nenhuma, n'aquelles sitios, tanta ordem, nem bom gosto.

Os systemas mais modernos, os instrumentos mais apropriados, as descobertas de maior importancia pratica, tudo alli estava aproveitado, com uma tal arte, que bem mostrava ter sido, coisa rara entre nós, a theoria unida á experiencia com muito criterio e bom resultado. A dos *Fuzis* poderia servir de quinta modelo, se os fazendeiros da terra, aferrados á rotina, cuidassem de modernismos ou tratassem de innovações.

Apenas soube que eu alli chegára, o sr. Antonio Tavares mandou-me entrar para a casa de jantar, onde estava com sua familia; Maria, que deverá ter sido tão formosa como o tio Joaquim o dissera, e duss creanças, que se tinham levantado da mesa e que brincavam alli para um canto.

A casa, posto que conservasse aquelle aspecto severo que ainda se denota em algumas fóras de Lisboa, que fosse de ladrilho, com as paredes revestidas de azulejo até meio, e o tecto, em osso, com as



Visita pastoral a Pinhel. — Os festejos

grossas vigas de castanho do emmadeiramento á mostra, era alegre, porque recebia muita luz de tres rasgadas janelas que deitavam para a horta. A mobilia era de pau santo torneado, e n'um

grande armário aberto via-se boa loiça, da India, e algumas peças de uma baixella de prata. No logar de honra dava-se com o retrato a lapis de Antonio e com um outro mais moderno, a oleo, que devia ser do sogro; ums santa, que não sei ao certo qual era, e dois quadros de fruta, ornavam as paredes.

me que o visitasse a meude, porque estimaria vêr-me em sua casa.

— Voltarei lhe prometti — e voltarei em breve: o tio Joaquim contou-me a sua vida e apenas o conheci, comecei a respeitá-lo.

— Bondades suas e do tio Joaquim, que é um amigo velho, não



Visita pastoral a Pinhel. — Um dos arcos triumphaes



Vista pastoral a Pinhel. — Preparativos para os festejos

Todo reunido dava á casa de jantar um certo ar patriarchal, que infundia respeito e inspirava felicidade.

Antonio, depois de me pedir que me sentasse e de me offercer um copo de vinho da lavra, levantou-se e foi a um contador buscar o dinheiro da compra, que já estava embrulhado e prompto desde a vespera; conversamos um pouco e, quando me despedia, pediu-

ha razão para o que diz. Foi rapaz, fiz o que todos fazem, emendei-me a tempo, se é que não foi tarde; se alguma virtude tive, e essa bem m'a teem pago aquellos, — disse-me olhando para Maria e para os pequenos, — foi não me esquecer, no meio de todas as mi-nhas doidices, que me tinham ensinado a Honrar paé e mãe.

Rodrigo Faganino



Pinhel — Vista da torre e do castello

A Democracia

Não se trata aqui de formas de governo. Cada um tem a que quer, quando não tem a que não quer. Neste caso tem a que não pode deixar de ter. A Democracia, no sentido legal e politico da palavra é um facto. E é um facto tanto na Europa como na America. A differença é que na Europa é um vicio adquirido e na America é um peccado original.

As nações europeias nasceram sob as idéas feudaes e medievaeas. Baseou-se a aristocracia no direito da conquista. E foi pelo desenvolvimento natural da sociedade dirigido pela religião, a sciencia e a philosophia que o velho mundo se foi lentamente transformando no presente, que reconhece plenamente os direitos politicos do povo, mas que não pode acabar com distincções que tem a sua origem na historia e praticamente em differenças de educação physica e moral e em differenças de raça. Não ha divisão que dois individuos de classes differentes vêem o mesmo facto sob pontos de vista differentes. A intelligencia de cada um é necessariamente affectada pelos preconceitos da sua classe. Ora o preconceito é uma idéa petrificada. Como um tronco fossil tem todo o aspecto estrutural de um tronco de arvore. Mas não tem seiva. Não vive. Não se pode curvar, nem adaptar, nem cresce, nem secca. E' resistente. Para o destruir é preciso emagalhá-lo. E no entanto foi arvore, viveu, cresceu, ramificou-se. E o preconceito foi idéa raciocinada e viva que o tempo fossiliza.

Politicamente quasi todas as nações europeias tem sufrágio universal; os legisladores hereditarios desapareceram na maior parte d'ellas, e vão desaparecendo gradualmente nas outras; e não se exige para qualquer logar no serviço do Estado nenhuma qualificação além da capacidade individual. Muitas vezes até nem esta. E' claro que existem influencias pessoais, na Europa como na America, iniquidades commettidas em toda a parte, a desigualdade é a lei da natureza.

Um homem pode nascer fidalgo ou millionario, sendo o intelligente. Outro homem pode nascer de paes obscuros, ou pobre, ou maluco ou tolo. Ninguém, na mais democratica das democracias se lembraria de dar ao maluco e ao imbecil a mesma consideração que ao sizo e ao intelligente. Ora se se faz uma distincção entre estas duas classes de individuos, porque não se ha de applicar a mesma regra ao fidalgo e ao rico de um lado, do outro ao plebeu e ao pobre? E' claro que ninguém tem culpa de nascer de paes pobres ou humildes; mas tambem ninguém tem culpa de ter nascido com o espirito arranjado de maneira que a outra gente se julgue no direito de o ter por doído ou imbecil. Bem sei que o sizo e a intelligencia são dons da natureza (não digo de Deus porque, como toda a gente religiosa considero *tudo* um dom de Deus) ao passo que as libras e os titulos nobiliarios são dons dos homens. Mas, se a natureza não fez o duque ou o millionario, foi indisputavelmente a natureza que fez a primogenitura do duque ou o herdeiro do millionario. A unica differença é que qualquer plebeu pode vir a ser fidalgo e qualquer pobre pode vir a ser rico, enquanto que um imbecil ha de ser sempre



Guarda. — Igreja da Misericórdia

um imbecil e um maluco raras vezes chega a ter juizo. E quando chega já não vive a tempo.

Porisso eu não considero uma questão de justiça se deve ou não haver distincções aristocraticas, mas simplesmente uma questão de organização social e conveniencia politica.

Para ser verdadeiramente philosophico deviam crear-se homens como se criam cavallos, cães e galinhas com vista na sua missão na sociedade.

Em vez de se elegerem legisladores deviam-se crear legisladores. Não ha razão para que o estadista seja o unico animal que não pode ser produzido por um cuidadoso cruzamento de rças. A Inglaterra tem adoptado até certo ponto este modo de ver. Ultimamente tem achado



Guarda. — Campo de S. Francisco



Monumento do 4.º centenario da descoberta do Brasil em S. Vicente — Santos (Brasil)

que o excessivo *in-breeding*, como dizem os creadores de gado, estava deteriorando a raça não só physica mas financeiramente. Mas estão cruzando com a raça americana, e a combinação por ora tem dado excellentes resultados. E' a democracia norte-americana que mantein de pé a aristocracia britannica.

Ha o cavallo de lavoiira, o cavallo de carroça, o cavallo de passeio, o *hunter*, o cavallo militar, o cavallo de carruagem e o cavallo de corridas. Seria razoavel esperar do homem, já que faz taes maravilhas com cavallos, que fizesse o mesmo consigo proprio. O que é absurdo é querer differenciar cavallos, e no mesmo tempo acabar com todas as distincções entre homens. Criam-se animaes para exposiçáo. Tambem o Estado devia crear gente para exposiçáo e chamar-lhe *gente da sociedade*.

As pessoas curiosas não de perguntar-me para que serve a gente da sociedade. Não sei, nem quero saber. Para que serve este mundo? Para que serve ganhar dinheiro? Não falo em ganhar o pão quotidiano, mas sim em ganhar montes de dinheiro. Não é decerto para o gastar. Tenho notado que as pessoas que sabem ganhar dinheiro não o sabem gastar. E *vice-versa*. Ganhar dinheiro e gastar dinheiro pedem capacidades differentes. E apesar d'isso ha quem trabalhe incessantemente para accumular riquezas de que não sabe o que ha de fazer. E não os move em geral a avareza. O avaro não arrisca cinco réis para ganhar quinhentos contos, e elles arriscam milhóes. Nos Estados-Unidos é uma occupaçáo vulgar. Fazem-no por gosto. Podiam entreter-se com raças de gallinhas. Mas em vez de chocadeiras tem os seus escriptorios onde vão chocar dollars em vez de chocarem ovos. E' um divertimento muito louvavel.

O verdadeiro aristocrata é um puro-sangue humano. Eu não o empregaria em lavar a terra ou em puxar uma carroça pezada. Mas é excellente para mostrar no Campo Grande ou para correr rapozas. Já não



O edificio da Beneficencia portugueza em Santos (Brasil)

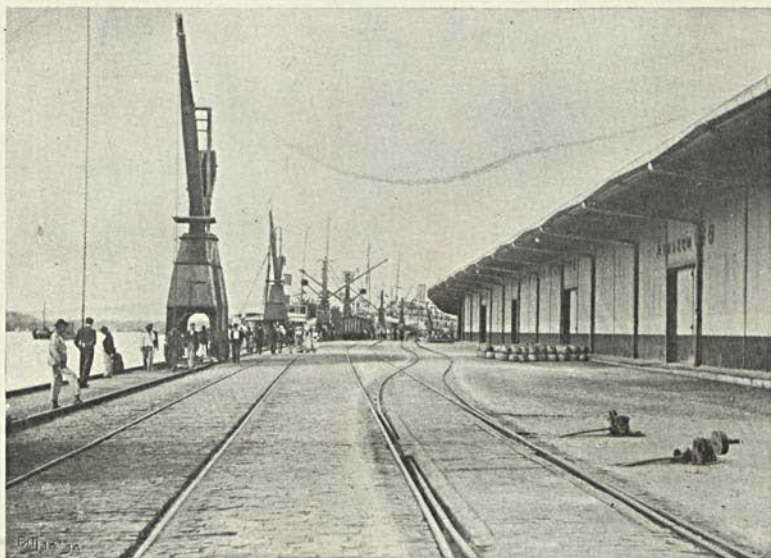
falo do Campo Grande. Mas correr rapozas é utilissimo. Devéras não conheço exercicio mais saudavel para o cavallo ou para o cavalleiro; talvez um pouco violento para a rapoza. Mas a propria rapoza, quando consegue escapar, adquire uma certa somma de experiencia que torna ainda mais agudo o seu natural engenho.

Se existisse, socialmente falando, a democracia seria um vicio contra a natureza. Mas não existe. Nos paizes onde a organisaçáo politica é mais democratica, a sociedade tem differentes *rodas*, como nos paizes mais aristocraticos do mundo. Não ha dúvida que os que pertencem á roda C não se offenderiam se fossem convidados pela roda B; mas os da roda B não tem vontade de os admittir no seu gremio. E os que pertencem á roda D mencionam com sagrada indignaçáo o facto que os que pertencem ás rodas B e C estão mortos por entrar na roda A; mas os da roda A permitem-se o ridiculo de se considerarem *exclusivos*, como se tal parvoíce pudesse existir n'um paiz democratico.

Porque é que a roda C se considera melhor que a roda D, a roda B melhor que a roda C, e a roda A a melhor de todas? Ninguém sabe porque é nem porque deve ser assim, mas é assim. E' inútil discutir a ra-



Brasil — O porto da cidade de Santos



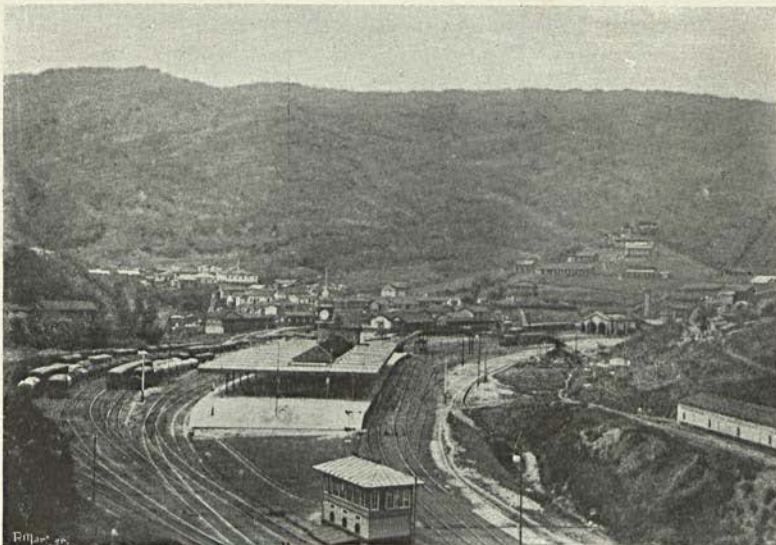
Santos (Brasil) — As docas

ção por que a Terra ha de dar a volta ao Sol em cerca de 365 dias em vez de fazer o mesmo exercicio em 300 dias exactos, o que simplificaría grandemente os calculos chronologicos. Basta saber que é assim. E vamos combinando o melhor que podemos os desvarios ambulatórios da Terra com o systema decimal de numeração.

E falem me então de snobismo! Todos nós somos snobs, até os melhores. Napoleão I depois de casar com a archiduquesa Maria Luiza, falando de Luiz XVI dizia «Meu tio». Goethe era um snob. Pope e Swift eram snobs. O grande auctor do *Livro dos Snobs*, até elle era um snob. Era um snob Cromwel. Outro o Marquez de Pombal. Ora eu não

quero falar dos meus contemporaneos. As differenças individuaes consistem não só na intensidade, mas no horizonte do snobismo do individuo. Alguns não se contentam com menos de Reis e Príncipes Reaes. Outros vão até Infantes, simples Dons ou elegante sagrados. Os mais innocentes contentam-se com vér os seus nomes nos jornaes. Os homens do mundo sabem esconder o seu snobismo, o que não podem fazer aquelles que se acham mais perto da natureza — mas o rirra é o mesmo.

O Snobismo é humano, porque é filho legitimo da vaidade e da Toleima, e o mais humilde apostolo é vaidoso e o maior dos genios é tão tolo como o maior dos tolos. A differença é que é mais alguma coisa.



No alto da serra do Cubatão — Estação de S. Paulo (Brasil)



José Tedeschi

† em 19 de julho de 1904



Dr. Henrique Midosi

† em 18 de julho de 1904

Além d'isto o snobismo é uma origem de felicidade e uma causa permanente de acções boas e grandes. Quanto teneiro respeitavel não tem sido feliz por apertar a mão a um Duque! E não praticou o Duque uma boa acção fazendo feliz o teneiro?

E, devéras, muitas mais grandes acções se tem realizado para ter o direito de usar uma fita ou a honra de beijar a mão de um velho Soberrano, do que por qualquer outro motivo — nem mesmo por beijar os labios de uma linda rapariga.

Todavia vilipendia-se o snobismo e glorifica-se o amor, quando o amor de facto é geralmente a causa de suicídios, assassínios, divórcios e maus versos: feitos estes que usualmente se não consideram gloriosos, edificantes ou sequer animadores.

Os *sportman* reconhecem uma aristocracia nos cavallos. Pagam muito mais por um poldro inexperimentado com uma longa genealogia, do que por um honesto cavallo que tenha provado a sua força de resistencia, a sua energia, a sua boa saude, e tudo mais, mas cujos antepassados não tenham o seu nome no *stud-book*. Porque não ha de um pae cauteloso pagar muito mais por um joven marquez ou por um conde estroina quando pensa em casar sua filha unica? Não de dizer-me que o *sportman* espera que o poldro de puro sangue venha a ser tão bom como o garanhão que o produziu. Pois o pae não espera — tem a certeza de que o joven marquez é tão bom como o seu progenitor. Melhor ainda; porque se o progenitor foi o nouo marquez de Val-dois-caracoes, o filho é necessariamente o decimo do mesmo titulo.

Eu não discuto se a democracia é boa ou má. Limito-me a afirmar que não existe.

Para prova veja-se a França. Nunca a nobreza franceza foi tão numerosa como desde o estabelecimento da republica. Presentemente, um francez sim, outro não, tem um titulo. Pode dividir-se a população da França em duas classes: titulares e condecorados. Ha-os que são ambas as coisas. Mas então ha toda a probabilidade de que uma d'ellas não seja genuina.

Nos Estados-Unidos não ha uma coisa nem outra. Mas é commum ver no estrangeiro diplomatas americanos com luzidas fardas de bombeiros voluntarios, ostentando no peito os distinctivos multicóres das varias philarmonicas a que pertencem.

Não os censuro por isso. Não pretendo censurar ninguém. Trago estes factos apenas para demonstrar a minha these. E a minha these é que socialmente falando, — humanamente falando — naturalmente falando — a Democracia não existe.

Os meus leitores devem comprehender que as minhas proposições são uma generalisação á qual ha umas poucas — muito poucas — excepções. Gente, direi antes *homens* (porque mulheres, não sei de nenhuma n'esse caso) que não tem vaidade, e cuja toleima, não se tendo portanto acasalado, ficou esteril. E' claro que nada do que eu disse se pode applicar a philosophos taes como Diogenes vivendo no seu barril vazio, ou o duque de Clarence morrendo n'outro barril — mas cheio.

Visconde de Santo Thyrsó.



Rio Maior — Valle das Boças (Portugal)